

# **Música tátil: apontamentos de uma trajetória do ensino da música na Biblioteca Braille do Amazonas**

*Lorena Mendonça Rodrigues*  
Universidade Federal do Amazonas  
*rodrigueslorena.lr@gmail.com*

## **Pesquisa concluída**

**Resumo:** O presente estudo se ocupa de levantar dados da história da fundação da Biblioteca Braille do Amazonas e sua contribuição em 10 anos na formação musical de pessoas com deficiência musical. Percebe-se uma quantidade de metodologias aplicadas às práticas instrumentais, uma verificação dos processos de ensino por meio do tato e audição, as dificuldades enfrentadas e por fim, os elementos que determinam a criação deste espaço singular em nossa capital. O trabalho nasce de uma observação de campo e relatos orais do fundador, Sr. Gilson Pereira, importante nome para o enfrentamento das barreiras descritas abaixo. Sendo assim, o estudo busca revisar periódicos e leis para a formação de um aporte teórico resolutivo da problemática submetida neste.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva; Educação Musical; Braille.

## **Ponto de partida: música e deficiência visual**

Desde muitos anos, a humanidade busca melhores condições para a sua comunicação e por consequência, avanços do conhecimento. As possibilidades de linguagens adquiridas ao longo do mundo se equacionam com resultados altíssimos. Hoje, de forma comum, sabemos que a leitura do universo atravessa as condições de acesso sensorial e os recursos pedagógicos que se envolvem no processo. Desse modo, um debate que alcance realidades afirmativas das condições de inclusão por meio da música e essa mesmo sendo acessível por novas dimensões, conduz nosso estudo proferido aqui.

Brandão (2013) nos traz dois conceitos importantes sobre a ausência de visão, a condição de cegueira que se aplica às percepções visuais de perda severa e a baixa visão, quadro mais comum, ocorrendo em pessoas com resíduo visual com ganhos favoráveis a um bom aproveitamento da percepção visual que tem. Ainda o autor, normalmente pessoas com baixa visão apresentam classes perceptivas como perda da parte de acuidade central

somente, parte periférica como visão tubular e turvacidade tal como enxergar por trás de uma catarata d'água, diagnósticos que incidem no atendimento educacional especializado destinado a estes alunos. Com isso, os recursos didáticos adaptados vêm acumulando espaço nas aulas de música com estudantes inclusos com deficiência visual.

Contamos hoje com uma melhoria significativa de recursos adaptados às pessoas com deficiência visual. Além do disposto no Decreto nº7. 611/11 sobre as garantias do estado em dar condições de inclusão na oferta das modalidades de ensino, iniciativas privadas também volumam resultados de emprego das acessibilidades em canais como *sites* e *Apps* voltados para a integração de todos. Dessa forma, a educação musical vem sofrendo alterações para que o caminho a ser seguido desde então, possa abarcar qualquer configuração de estado de nossas humanidades. (Leria, 2018)

O Braille, conforme Dionísio & Vectoe (2017) ainda é um recurso real e aplicável. Desde o seu surgimento no século XVII, verificam-se avanços na educação de cegos por toda localidade que tem esse recurso promovido com seriedade e dedicação. Atualmente, com as melhorias de acesso a dispositivos móveis como telefones celulares e *tablets*, a leitura de arquivos literários digitais e partituras editadas ao computador facilitam a vida de todos, inclusive de indivíduos com pouca ou nenhuma acuidade visual. Para os autores, o Braille não morre, mas a sociedade deve ter consciência que a agilidade somada a uma habilidade em dominar outras vias de interpretação das linguagens, precisa de uma atenção redobrada para o sucesso coletivo nesse sentido.

O domínio da leitura e escrita musical em braille está necessariamente associado ao domínio de conceitos teóricos, o que não ocorre em relação ao aprendizado da leitura em tinta. É imprescindível, por exemplo, que o leitor de uma partitura em braille tenha conhecimentos sobre escalas, tonalidades, formação de intervalos, padrões rítmicos, etc. Essas noções são intrínsecas aos princípios norteadores do próprio código e, por isso, tornam-se pré-requisitos para o seu aprendizado. (BONILHA, 2010, p.33)

A atividade do ensino da música para alunos de eficiência sem visão é uma ação crescente nos domínios da capital amazonense. Manaus é uma das maiores metrópoles brasileiras e com isso, acumula vantagens e desvantagens por motivos socioeconômicos mais óbvios. Por força legal, foram criadas na década de 1980, associações que agrupam pessoas com deficiência, agências representativas mantidas pelo poder público que além de estabelecer laços administrativos, funciona como centro de convivência de uma comunidade

ativa e dinâmica por suas condições de vida nos afazeres diários. Sendo assim, este estudo, por meio de entrevistas e averiguações em periódicos, se fundamenta no levantamento de uma história oral sobre tais conteúdos que associam música e deficiência visual no Amazonas.

Por fim, este estudo se ocupou de verificar como se deu a implantação e ordenação dos caminhos da Biblioteca Braille do Amazonas e sua colaboração para o ensino de música oferecido para seus usuários ao longo de todo o seu percurso. As questões levantadas sugerem que os resultados obtidos dão condições de traçarmos um panorama do envolvimento na história dos artistas incluídos por características pedagógicas musicais amplamente difundidas na rotina de trabalho desta instituição. Este trabalho é parte relevante de processos investigativos de uma iniciação científica e tese de doutorado alinhavados no tema da deficiência visual e a música, narrações e interpretações de processos socioculturais na Amazônia.

### **A Biblioteca Braille do Amazonas**

Este trabalho se justifica pela importância de um breve registro histórico da Biblioteca Braille do Amazonas no sentido de sua contribuição direta e indireta da formação musical de deficientes visuais nos últimos 19 anos. Os dados levantados se apresentam conforme entrevistas efetuadas, com participação autorizada, gravadas em dispositivos móveis, perguntas e respostas em rede sociais e encontros presenciais. Participam o gerente Gilson Mauro Oliveira Pereira, a aluna Eloisa Cristina Souza da Silva e os professores Guilherme Gama da Silva e César Costa Lima. Desse modo, foram verificadas contradições sutis e ao mesmo tempo interessantes dados que valorizam o potencial científico deste texto.

A história da origem da Biblioteca Braille parte de duas vertentes, a primeira seria que a Biblioteca Pública de Manaus localizada na rua Barroso, no Centro da cidade, teria recebido a doação de livros em Braille da família de Rui Araújo, Robério Braga, até então, secretário de cultura do estado, ao se deparar com esses livros na biblioteca pública, sentiu a necessidade de ter um local mais adequado para o acervo, autorizando a construção de um espaço para os títulos impressos em Braille no porão do prédio da rua Barroso. O segundo

relato dirige a atenção a algumas pessoas com deficiência visual requerendo a implementação de um espaço adequado para a leitura de artigos em Braille.

Instituída no subsolo da biblioteca pública em 1999, permanecendo lá até 2008, onde que, no mesmo ano a 04 de abril, ocorre a sua transferência para o bloco C, no Centro de Convenções do Estado do Amazonas (Sambódromo), local de permanência até hoje, funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, atendendo todo o público interessado. Gilson Mauro de Oliveira Pereira<sup>1</sup> comenta: “[...] a biblioteca não fecha para almoço, pois o objetivo é atender a comunidade e deficientes visuais em tempo integral”. No mesmo local também ocorre o Liceu de Artes Claudio Santoro, instituição que cede professores de música para atuação dentro da Biblioteca Braille.

Segundo Gilson, gerente da BB, ela foi implantada pela Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas (SEC) em 08 de Novembro de 1999, não tendo nome imediatamente, era apenas denominada espaço Braille, contendo quatro aparelhos gravadores de mão, um computador e uma impressora Romeo que imprimia somente uma das faces dos formulários contínuos de papel 40Kg. O primeiro nome do espaço Braille foi Setor Braille do Amazonas (SBAM). No ano de 2004, o secretário à época, Sr. Robério Braga, autorizou a criação de uma logomarca e com essa, surgiu o nome que permanece até hoje, Biblioteca Braille do Estado do Amazonas (BBAM).

Gilson comenta que em 2000, o acervo da biblioteca era composto por 70 livros e 4 fitas cassetes gravadas com partes de livros e que hoje, conforme todo o esforço, a BB possui cerca de 5 mil livros falados e mais de 1.000 livros em Braille.

Ainda o gerente da BB afirma que, em 2000, a BB só recebia livros e atualmente, faz doações ajudando municípios do interior do Amazonas que também necessitam de apoio. Além deste, a gerência participou da implementação da biblioteca Braille em Parintins, município amazonense onde ocorre a festa dos Bumbas Caprichoso e Garantido, e tem parceria com Portugal, Minas Gerais, Tocantins, Ceará, Acre, Goiás e Roraima, para colaboração de redes comunicativas em artigos publicados.

---

<sup>1</sup> Nascido em Manaus deficiente visual por descolamento de retina desde 1980, foi para São Paulo estudar em escolas adequadas, formado em comunicação no curso de rádio e tv pela FAAPE em 1986, voltou para Manaus em 1996 começou sua peregrinação nas rádios de Manaus recebendo uma proposta para trabalhar em uma emissora do interior, em Manaus trabalhou como *freelancer* na rádio Rio Mar fazendo, trabalhou em uma rádio chamada Cabocla conhecida hoje como Cultura OT, em seguida ficou desempregado por quase 10 anos.

Pereira comenta que em 2001, recebeu uma proposta para trabalhar em uma biblioteca Braille, seu conhecimento sobre esse tipo de organização bibliotecária era somente o contato que teve nas bibliotecas de São Paulo com leitura específica do Braille. Sem nenhuma experiência administrativa, Gilson se espelhou nas bibliotecas Braille que conheceu em São Paulo, fez parceria com a fundação Dorina Nowil para cegos, iniciou projetos de arte no Rio de Janeiro na audioteca Sal e Luz e uma parceria com a associação Laramara em São Paulo. Gilson Mauro é gerente da Biblioteca Braille desde 23 de maio de 2001. Criou um espaço inovador de gravações aperfeiçoadas de livros em voz e contou sempre com o voluntariado de locutores amigos para empréstimo de suas vozes nas leituras de títulos importantes da literatura mundial e amazonense.

Oliveira diz que a BB não é apenas “[...] um espaço para cegos e sim para comunidade”, todos possam usufruir de um trabalho com qualidade e importância da BBAM para o Amazonas é oferecer mais cidadania e políticas de inclusão de verdade.

Pereira diz que um deficiente visual que não se alfabetiza no Braille “[...] terá duas deficiências, a visual e a intelectual”, afirma que estamos vivendo um futuro tecnológico e as coisas precisam ser difundidas. Instituições que trabalham com o Braille podem não ter condições de continuar imprimindo por falta de investimentos, mas não é correto dizer que o Braille vai acabar “[...] o Braille dará lugar às tecnologias, pois Braille e tecnologia caminharão juntos”.

## **A música e a BB: métodos e processos**

A música na Biblioteca Braille surgiu de uma necessidade, o gerente da BB comenta que assistiu a uma apresentação de um grupo chamado Sem Limites<sup>2</sup> formado por deficientes visuais e baixa visão da escola Joana Rodrigues. A BB, ao observar a apresentação dos alunos, decidiu que faltava um professor, então, após uma agenda com o secretário

---

<sup>2</sup> Grupo criado dentro da Escola Estadual Joana Rodrigues, escola de atendimento específico de cegos no Bairro da Glória em Manaus. Tal conjunto era formado por alunos músicos da escola que por conta do talento musical, fundaram uma pequena banda de apresentações divertidas e envolvente no cenário cultural de Manaus.

Robério, expôs a importância de oferecer aulas de violão e teclado dentro da biblioteca. A união de música e deficiência visual proporciona a oportunidade de expressar e coordenar todo sentimento que está dentro do deficiente visual.

Através da SEC é possível levar música para os municípios do interior, Mauro explica, onde o Liceu de Artes Cláudio Santoro estiver estabelecido, há espaço para o ensino da música para deficientes visuais. Por mais, Gilson via a possibilidade de expansão das ações da BB pelo interior do estado.

A Biblioteca Braille não possui planos traçados para o futuro, Gilson supõe que pode ser de duas maneiras, uma biblioteca *online* onde todos os livros possam ser baixados em áudios e a outra, todas as bibliotecas públicas façam uma união de livros acessíveis, livros falados e em tinta para que todos possam ir à mesma localidade.

Oliveira na entrevista diz que a BB já utilizou diversos recursos de políticas inclusivas, sendo a primeira a imprimir livros em Braille, a gravar livros, a usar voz sintetizada, a ter parceria com a Academia Brasileira de Letras, a fazer áudio descrição no Teatro Amazonas e oferecer aula de música com atendimento especializado em suas dependências. Sendo assim, a BB precisa estender tudo de políticas inclusivas que foram feitas em Manaus para o interior do Amazonas, é preciso dividir essa gama de conhecimento com as pessoas que vivem no interior, é necessário ensiná-los a ler e escrever em Braille, dando sentido de liberdade, inclusão e solidariedade.

Através dos rádios e jornais, a BB tenta atingir um público maior de deficientes visuais, no entanto não consegue um número significativo de alunos. Em 2017, o curso de música da Biblioteca Braille completou 10 anos. Atualmente, o curso de música possui 12 alunos matriculados, sendo 07 em violão e 05 em teclado. Mauro explica que em 2008 o investimento para o curso de música foi alto, possuindo outros cursos como contrabaixo, guitarra, cavaquinho e percussão, mas o fato de não conseguirem fechar turmas, fez com que somente violão e teclado permanecessem em funcionamento.

Segundo Bonilha (2010), o ensino de música por meio da musicografia Braille acontece condicionalmente por quatro etapas ultrapassadas. Em resumo, os alunos devem ter conhecimento prévio do sistema Braille, ter motivação e disposição interna, professores devem reconhecer a importância do aprendizado e a família deve participar ativamente dando apoio e sustentando a ideia por acreditar de fato nas possibilidades. Em outro

aspecto, a BB, por mais estranho que seja não ensina música pelo sistema Braille. Isso acontece por conta da falta de um dos fatores acima indicados. A má ou baixa formação dos professores de música impede uma nova abordagem dos significados simbólicos da notação musical escrita para a que ocorre em alto relevo.

Quando o curso de música surgiu na Braille o método de ensino era tátil, os alunos aprendiam todas as posições dos acordes diretamente nos instrumentos. Hoje, cada professor utiliza o método em que o aluno conseguirá executar de maneira mais fácil, porém, continuam utilizando o tato como dimensão para acesso às teclas e cordas em cada prática. Geralmente, as repetições são frequentes recursos e o mais identificado em relação ao desempenho dos alunos é a parte rítmica, algo possível de acontecer com qualquer classe regular de música.

Podemos destacar alguns processos metodológicos obtidos pelos relatos dos entrevistados. De acordo com o professor César Lima, o ensino da música para deficientes visuais não é possível somente através do Braille, nas aulas notou que a escrita e leitura em Braille era uma deficiência do próprio aluno e utilizar Braille ou Musicografia Braille para o ensino da música não seria produtivo adotando desta forma método um tátil e de áudio descrição para os instrumentos, músicas, campo harmônico, escalas, teoria e prática, havia uma comunicação e um melhor entendimento através das aulas gravadas, para os alunos com baixa visão era possível o ensino da teoria musical apenas adaptando o material didático para a especificidade de cada aluno. César afirma que não é preciso entender teoria musical para fazer música, muitos alunos desistem de fazer curso de música na BB por bloqueios sociais e deslocamento, a BB possui estrutura para atender deficientes visuais, mas o caminho até lá não é adequado principalmente para os que dependem de transporte público.

Em outro aspecto o professor Guilherme colabora dizendo que, a forma mais adequada para ensinar música aos seus alunos é escuta e repetição, utiliza método de áudio descrição e tátil onde as teclas pretas servem de guia para que os alunos encontrem as teclas certas, a maior dificuldade para seus alunos é rítmica, mas essa dificuldade não se aplica somente a um deficiente visual.

Para Eloisa Souza, uma das alunas beneficiadas pelos processos formativos, diagnosticada com a doença de stargardt, seus estudos na BB se iniciaram aos 14 anos no

curso de teclado, foi aluna de violão do professor Renato Brandão no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) que também lhe ensinou piano, devido suas habilidades no piano evoluírem o professor indicou a BB para que Eloisa pudesse dar continuidade as suas práticas, Renato utilizava um método de imitação e anotações no braço do violão e nas aulas de teclado, na BB Eloisa notou certa semelhança com o método utilizado, cada tecla era enumerada, o professor também utilizava escuta e imitação, Eloisa tem 22 anos é formada em Letras Língua inglesa pela Ufam e afirma que a BB foi uma das responsáveis para que ela chegasse tão longe, eles ajudaram-na a se preparar para o vestibular dando todo acervo e espaço para que ela pudesse estudar, Eloisa explica que o professor Renato é uma das maiores inspirações na vida dela e foi o principal responsável para que ela conhecesse a BB.

O Decreto 7.611/11 dispõe sobre a aceleração de conteúdos com alunos em situação de deficiência. Neste caso, as tomadas decisivas de metodologias apoiadas exclusivamente na percepção tátil e auditiva vêm gerando resultados promissores. Dentro das competências dos educadores da BB, foi possível perceber um envolvimento sério e solidário. Sendo assim, este estudo, sem a pretensão de influenciar, avalia as condições de ensino como favoráveis e não descarta uma reformulação da formação dos futuros professores com acesso prévio aos critérios da educação inclusiva em seus currículos.

Hoje a BB possui um grupo musical formado por deficientes visuais e baixa visão com percussão, contrabaixo, violão e teclado, comandados por um antigo aluno de música da Biblioteca, Gleidson, segundo o gerente da BB, Gleidson sempre foi um aluno dedicado e fez curso de violão na BB, sendo também um excelente cantor na sua antiga escola e estudando sozinho. A criação de grupos dentro da biblioteca fortalece a ideia de boa convivência da cegueira com a música.

Desse modo, as relações interpessoais são apresentadas a uma condição imposta pela aproximação dos recursos pedagógicos de deficientes visuais e as práticas instrumentais no ambiente da biblioteca. É fácil encontrar, dentro destes 10 anos de ação acadêmica, alunos com cegueira que passaram pelas “mãos” da BB.

## Para concluir

Ações como a que temos aqui textualizadas, se apresentam na história da musicalização na cidade de Manaus. Além da BB, podemos afirmar que outras instituições e personalidades já contribuíram de forma significativa para o amadurecimento da formação cultural de nossa região. O estudo conclui sobre o valor inicial da união de um centro de assistência escolar e as possibilidades de aprendizado da música por uma comunidade específica de demanda particular.

Passamos a perceber que a música é de todos, os valores e potenciais devem prevalecer conforme o andamento dos projetos e a força de quem os sustenta. Como sugere Bonilha (2010), a didática musical pode ser livre em associação ao que queremos alcançar como educadores, mantendo conteúdos e diversificando metodologias. Pensando assim, a BB, mesmo com um corpo de professores não habilitados para a assistência de alunos cegos, obteve sucesso por todos os anos. Gilson demonstra que a necessidade de melhores profissionais é uma constante, faltam mais professores de música e o poder público é responsável pela infra das condições de ensino.

Manaus, ao longo dos últimos 20 anos, passou por importantes mudanças do contexto cultural para a sua sociedade. Uma conquista inicialmente isolada como que vimos neste trabalho é a ilustração do que possam ser limites e possibilidades, pois a música como arte, inclui e valoriza essa participação social e ao mesmo tempo, neutraliza os desvios de atenção do objeto artístico para a condição ou situação de deficiência de cada um.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº7.611. *O Atendimento Educacional Especializado*. SECADI. Brasília. 2011

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa. *DO TOQUE AO SOM: O ENSINO DA MUSICOGRAFIA BRAILLE COMO UM CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Música, UNICAMPI. Campinas. 2010.

BRANDÃO, Renato. *Limites e possibilidades do uso do computador para a educação de alunos com baixa visão: uma experiência realizada no Ensino Médio com alunos em*

*Manaus/AM*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação da ULTH. Lisboa. 2014.

DIONISIO, Ana Maria Pereira; VECTORE, Celia. *Intervenção Mediacional na aprendizagem do Braille: um estudo com crianças deficientes visuais*. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá , v. 21, n. 3, p. 549-560, Dec. 2017 .

LERIA, Lucinda De Almeida et al . *Enem Acessível: Autonomia para a Pessoa com Deficiência Visual Total no Exame Nacional do Ensino Médio*. *Rev. bras. educ. espec.*, Bauru , v. 24, n. 1, p. 103-120, Mar. 2018 .